

PEDAGOGIAS DE GÊNERO E SEXUALIDADE: CONTRIBUIÇÕES DA MÍDIA PARA A FORMAÇÃO DOCENTE

Fabiane Freire França

Universidade Estadual do Paraná Campus de Campo Mourão

RESUMO

O objetivo desta pesquisa é investigar a utilização da mídia como difusora das pedagogias de gênero e sexualidade para a formação inicial e continuada de docentes da Educação Básica. Nesta pesquisa compreendemos a mídia como campo de pesquisa que produz e opera representações para a formação dos sujeitos sociais. Pesquisas evidenciam que apesar das problematizações a respeito das temáticas gênero e sexualidade na atualidade há ainda práticas discriminatórias, sobretudo, no espaço escolar. Neste sentido, problematizamos: como as mídias podem contribuir para a formação de professoras e professores? A nossa metodologia participativa e dialógica articula a produção de dispositivos midiáticos que abordam gênero e sexualidade, tais como filmes, curta metragens, publicidades, desenhos, etc. Consideramos que a utilização de mídias na formação docente pode contribuir para pluralizar as pedagogias de gênero e sexualidade nas escolas.

Palavras-chave: Educação Básica; gênero; sexualidade; Pedagogias Culturais; Mídia.

INTRODUÇÃO

O presente artigo tem como objetivo investigar como a mídia pode colaborar para a formação de docentes que atuam na Educação Básica. Este texto faz parte da pesquisa intitulada “Pedagogias de gênero e sexualidade: contribuições da mídia para a formação docente” iniciado em 2015 e coordenado pela pesquisadora.

Desenvolvemos a pesquisa em uma escola municipal de Campo Mourão - PR, com 8 mulheres: 6 docentes e 2 funcionárias da escola. Com o intuito compreender como a mídia pode colaborar para as discussões de gênero na formação docente, exibimos às educadoras quatro curtas metragens que abordam as questões de gênero e sexualidade. Foram eles: 1) Vida Maria (2006), 2) Era uma

Realização:



Apoio:



DTP Departamento de Teoria e Prática da Educação



vez outra família (2004), 3) Acorda Raimundo (1990), 4) Eu não quero voltar sozinho (2010).

Após a exibição dos vídeos “Era uma vez outra família” e “Acorda Raimundos” foram aplicados questionários para as participantes. Durante as outras duas sessões deixamos livre para que as educadoras (docentes/funcionárias) expressem suas opiniões sobre os vídeos. Todas as falas foram registradas em caderno de campo.

A intenção na seleção destes vídeos foi problematizar a representação de gênero, de família e sexualidade, colocar em diálogo as representações das participantes, de seus alunos e alunas, as opiniões que circulam no cotidiano escolar com o exposto pelos curtas.

Nos encontros dialógicos com as educadoras observamos que os vídeos em tela promoveram sensações e percepções diversas sobre suas experiências individuais e coletivas, inclusive com seus/suas aluno/as. Em vista disso, este texto foi sistematizado em três tópicos. No primeiro explicitamos a relevância de se utilizar a mídia na formação docente, sobretudo quando se trata de gênero e sexualidade. No segundo tópico são apresentados os caminhos investigativos da pesquisa. No terceiro momento são apresentados e analisados os dados da pesquisa. Por fim, as considerações da pesquisa.

PEDAGOGIAS DE GÊNERO E SEXUALIDADE NA FORMAÇÃO DOCENTE

Os resultados de pesquisas científicas (LOURO, 1997; 2007; GALINKIN, 2010) denunciam o espaço escolar e as mídias (SABAT, 2001) como reprodutoras de representações discriminatórias e hegemônicas sobre gênero e sexualidade. Com base em tais denúncias, os objetivos de minhas pesquisas anteriores foram o de investigar as representações sociais em escolas públicas durante os anos de 2007 a 2014 (FRANÇA, 2009; FRANÇA e CALSA, 2010; FRANÇA e CALSA, 2011; SASSO; FRANÇA, 2015).

De acordo com Joan Scott (1995), o termo gênero como uma categoria útil de análise, compõe os estudos feministas desde o final da década de 1970, e tem sido pesquisado desde a teoria marxista até a pós-moderna e pós-estruturalista. Levando em consideração que os movimentos feministas apresentam posições teóricas e

Realização:



Apoio:



políticas distintas em alguns pontos, a autora conclui que não há um marco preciso dessa vertente. Cabe destacar que, no presente projeto os conceitos de gênero e sexualidade serão referenciados pela vertente dos Estudos de Gênero e dos Estudos Culturais.

Louro (1997, 2007) evidencia que a vertente dos Estudos de Gênero propõe desconstruir o argumento social de que as diferenças biológicas justificam os papéis de mulheres e homens, uma vez que gênero é definido com base nos elementos relacionais entre ambos. Não são as características sexuais, mas sua representação e/ou valorização que constroem as identidades femininas e masculinas. Essas identidades não são naturais, são construções humanas que envolvem valores, sentimentos e desejos o que põem em questão outros conceitos como os de heteronormatividade, segundo o qual a heterossexualidade é considerada norma, enquanto a homossexualidade ou outras maneiras de viver a sexualidade são vistas como “desvios” de conduta (WEEKS, 2007). Por isso evidenciamos a necessidade da articulação entre as várias maneiras de ser homem, de ser mulher. Há um leque de conceitos que precisam ser abordados, repensados, questionados e o espaço escolar, assim como a mídia, nos parecem campos profícuos para este diálogos.

Ao encontro destas discussões Ruth Sabat (2001) menciona que a maior parte de pesquisas voltadas ao campo educacional estiveram diretamente relacionadas ao espaço escolar, por isso, nos convida a olhar para outros espaços que também produzem pedagogias culturais, dentre eles, menciona a mídia. Nesse sentido, a autora apresenta a mídia como campo de pesquisa para analisar as representações de gênero e sexualidade na publicidade pelo viés dos Estudos Culturais. Corroboramos com a autora na utilização deste campo de pesquisa para promover inquietações na formação docente. Afinal, ao fazermos o levantamento de pesquisas acerca das temáticas mídia, gênero e sexualidade na formação docente, notamos um recorte das discussões das representações de gênero e sexualidade no campo da publicidade ou nas práticas escolares.

Atualmente, é possível verificar que as pesquisas desenvolvidas no campo dos Estudos Culturais se apresentam bastante diversificadas e múltiplas questões têm sido abordadas: desde aquelas que dizem respeito às práticas escolares e pedagógicas propriamente ditas, até

Realização:



Apoio:



as que se voltam para a discussão acerca das produções desenvolvidas em outras instâncias culturais como é o caso de programas de rádio e televisão, propagandas, filmes, novelas, jornais, revistas, entre tantas outras que poderiam ser mencionadas (FELIPE, 2011, p. 02).

Por isso optamos por atrelar as discussões midiáticas, ou seja, as produções de propagandas, documentários, vídeos, filmes acerca de gênero e sexualidade que possam ser utilizadas para a contribuição no processo de formação docente na Educação Básica. Felipe (2011, p. 08) complementa que no “âmbito escolar ou mesmo nos cursos de formação docente, esses temas são, quase sempre, ignorados”. E mesmo quando são abordados as discussões se limitam a uma concepção biologizante ou moralista, ora tratam das precauções contra as doenças sexualmente transmissíveis apresentando o sexo como perigo, ora tratam da formação binarista de homens e mulheres como sujeitos marcados somente pelas diferenças biológicas: homem forte *versus* mulher sensível.

Tais representações são explanadas também pela mídia e circulam nas escolas, sejam por meio das imagens que alunos/as e professores/as exploram e produzem, ou pelas discussões acerca de determinada novela ou filme, ou as músicas cantadas que reproduzem e reverberam identidades sexuais e de gênero.

Quando professores e professoras abordam o conhecimento científico escolar com a ausência de problematizações sobre a produção dos saberes como representações sociais, a produção de conceitos pode limitar-se a uma naturalização e reforçar valores hegemônicos que repercutem na formação da identidade dos sujeitos em formação. Deste modo, o problema principal de pesquisa se expressa na seguinte questão: como as mídias que abordam as questões de gênero e sexualidade podem contribuir para a formação docente?

A mídia é uma forma eficaz de inculcar normas e padrões sociais de mulher, família, gênero e sexualidade e que podem ser observados cotidianamente nas propagandas, novelas, filmes, músicas, desenhos, etc. De outro modo, quando esta mídia é trabalhada de maneira crítica, pode colaborar com a formação docente e com a desconstrução dos padrões preconceituosos de gênero e sexualidade (FLORKZAK; FRANÇA, 2016, p. 02).

Realização:



Apoio:



DTP Departamento de Teoria e Prática da Educação



Como expresso por Louro (2007; 2011), Felipe (2011) e Sabat (2001) os Estudos de Gênero em conexão com os Estudos Culturais nos permitem discussões em torno da produção de representações docentes, da infância, dos jovens, bem como dos discursos que têm sido veiculados e objetificados por várias instâncias sociais, dentre elas a escola e a mídia (televisiva e impressa), sobretudo, no que diz respeito aos temas de gênero e sexualidade. Diferente de pesquisas que apresentam as mídias somente como reprodutoras das identidades de homens e mulheres, optamos por abordar a mídia como um campo de pesquisa que possa contribuir à formação docente (inicial e continuada), por meio de diálogos que “considerem a temática de gênero, sexualidade, em seus diversos atravessamentos (classe social, raça, etnia, geração, religião, entre outros)” (FELIPE, 2011).

CAMINHOS INVESTIGATIVOS

Convidamos docentes dos Anos Iniciais de uma Escola municipal de Campo Mourão que já tinham participado de pesquisas anteriores e aceitaram fazer parte dessas novas discussões. Realizamos encontros, caracterizados como círculos dialógicos, (FRANÇA, 2014) com estudantes de Pedagogia, docentes da educação básica e alunos/as de iniciação científica do Ensino Médio.

A seleção dos sujeitos participantes da pesquisa ocorreu pelo seu aceite voluntário seguindo os preceitos dos termos éticos da pesquisa. O convite foi feito a duas acadêmicas do curso de Pedagogia que aceitaram fazer parte do projeto. As duas alunas de Iniciação Científica do Ensino Médio também aceitaram fazer parte dos grupos de estudos e incorporar as discussões deste projeto aos seus planos de atividades.

Apresentamos a proposta às professoras e professores da escola, bem como aos/às funcionários/as que demonstraram interesse. A intencionalidade em trabalhar com professoras/es e funcionárias/os da instituição refere-se ao fato de perceber suas representações sociais e individuais e construir em grupo possibilidades de reflexão e ação nas práticas cotidianas.

Selecionamos quatro curtas metragens que abordam diferentes famílias, homens e mulheres, alteridade nos papéis de gênero e a homoafetividade entre

Realização:



Apoio:



DTP Departamento de Teoria e Prática da Educação



os/as jovens. Na sequência evidenciamos uma breve sinopse dos vídeos trabalhados. **1) Acorda Raimundo!** Com duração de 19 min e 22 seg. Dirigido por Alfredo Alves e lançado em 1990, o curta-metragem é utilizado em debates sobre a questão de gênero. Evidencia que não seria uma simples inversão dos papéis de gênero que resolveria o problema da desigualdade entre homens e mulheres. **2) Vida Maria**, com duração de 9 min e direção de Marcio Ramos foi lançado em 2006. A animação conta a contradição entre os desejos individuais e a realidade social imposta a qualquer pessoa em um contexto da vida como um ciclo que se repete no sertão nordestino. **3) Era uma vez outra família**, com duração de 23 min e 33 segundos. Direção: ECOS, 2006. É um desenho animado sem palavras, que apresenta a história de uma família e os desafios cotidianos que pais, cuidadores e responsáveis enfrentam na criação e educação dos filhos. Procura despertar e ajudar a promover os direitos da criança e conscientizar pais, responsáveis e cuidadores. **4) Hoje eu não quero voltar sozinho**, com duração de 17 min e 03 segundos. Direção: Daniel Ribeiro, lançado em 2010. O curta narra a história de Léo, um jovem cego que se apaixona por seu colega de classe. É interessante que o preconceito dos colegas de classe era mais por Léo ser cego que homossexual. A problematização da homofobia e da ignorância é um dos focos do vídeo. Após a exibição dos curtas foi aberto um espaço de diálogo para expressão dos significados e percepções das docentes e funcionárias acerca das sessões que serão apresentados na sequência.

CONTRIBUIÇÕES DA MÍDIA PARA AS DISCUSSÕES DE GÊNERO E SEXUALIDADE NA FORMAÇÃO DOCENTE

Em pesquisas recentes (FRANÇA; CALSA 2010; FRANÇA; CALSA 2011; FRANÇA; CALSA, 2015), as respostas fornecidas por 18 educadoras (de uma escola pública municipal de Campo Mourão) a um questionário definem uma maneira polarizada e rígida da compreensão que as docentes e funcionárias da escola têm sobre sexo, gênero e sexualidade. Com base no questionário, 44% das participantes compreendem o seu sexo, seu gênero e sua sexualidade como respectivamente feminino, mulher e heterossexual. Enquanto 29% das participantes

Realização:



Apoio:



DTP Departamento de Teoria e Prática da Educação



compreendem seu gênero como feminino, 16% incluem sua sexualidade como mulher e 11% das educadoras não respondem o que compreendem por seu gênero e sua sexualidade.

Vale conceituar a articulação social binária entre os conceitos de sexo, gênero e sexualidade. Historicamente e socialmente foi legitimado que ao nascer macho (que representa o sexo), o homem será masculino (gênero) e terá uma predisposição heterossexual (sexualidade). A mesma cobrança ocorre com as fêmeas (sexo) mulheres que devem ser femininas (gênero) e heterossexuais (sexualidade). Quando essa articulação binária não ocorre os sujeitos considerados diferentes e desiguais sofrem discriminações e preconceitos. Todavia, como explicita Louro (2007) e Weeks (2007) as identidades humanas são plurais e envolvem muitas outras articulações e recombinações, inclusive representadas pela mídia.

Por que analisar o impacto das mídias na formação docente? Ficher (1997, p. 61) considera que há um “estatuto pedagógico da mídia” que não apenas veicula, mas constrói discursos e produz significados e sujeitos”, nessa direção considera a sistemadização do “estatuto da mídia não só como veiculadora, mas também, como produtora de saberes e formas especializadas de comunicar e de produzir sujeitos, assumindo nesse sentido uma função nitidamente pedagógica” (FISCHER, 1997, p. 63).

Durante os encontros com as docentes e funcionárias, em algumas de suas falas foi possível identificar o quanto a mídia pode contribuir para a compreensão de conceitos como família, gênero e sexualidade, como evidencia a professora a seguir: “gostaria que meus alunos assistissem Era uma vez outra família. Todos cuidam, mas ninguém educa. Têm alunos preconceituosos”. A fala da docente reconhece que muitos dos preconceitos que chegam na escola são vivenciados e aprendidos com a própria família. O próprio tabu acerca da sexualidade é um exemplo desse processo.

A sexualidade é algo definido pelos adultos em que não se permite que a criança ou jovem fale, pense ou sinta tudo o que deseja. Por isso as representações de proibição do modo como meninos e meninas aprendem sobre sua sexualidade. Para tanto, é importante explicitar que a criança elabora suas próprias respostas e teorias para estas questões sexuais. Com afirma Camargo e Ribeiro, (1999, p. 34),

Realização:

Apoio:



[...] a infância é falada na voz do adulto e de acordo com seu pensar [...], esquecendo-se de que a sexualidade é uma dimensão da existência, que não tem idade[...] e esquecendo-se também de que a criança elabora suas próprias teorias sexuais de acordo com suas vivências em um estilo pessoal, individual, único.

Tais representações são vividas dentro do espaço escolar, como na situação mencionada por uma das docentes: “meu aluno do nível II beijou outro aluno na boca. As crianças riram e ele disse: ‘eu não sou gay’”. Nesse comentário os espaços são traçados desde os anos iniciais, as crianças aprendem o que é permitido ou não, meninos não podem apresentar afetividade, não podem ter a mesma sensibilidade e afeto que existe entre as meninas.

Observamos que interesses e formas de comportamento para cada gênero são estimulados no ambiente escolar. Por isso, é necessário que os/as professores/as saibam como abordar esses conceitos com seus alunos e alunas. Assim como a escola, a mídia é um dos meios que reproduz as relações sociais de gênero.

Deste modo percebemos o quanto a mídia tem abrangência nesse espaço escolar e devido a isso, o quanto ela exerce influência nesse espaço. A escola não é apenas o espaço de leitura dessas diversas mídias, mas é espaço de reflexão e crítica sobre os questionamentos que esse meio proporciona.

Um dos questionamentos apresentado ao grupo de participantes era sobre a utilização dos vídeos exibidos na escola como ferramenta didática. Para cinco das participantes docentes essas mídias podem ser utilizadas nas salas de aula para reflexões dos assuntos que circulam na escola e que não são abordados pela famílias. “Sim, para que os alunos tivessem conhecimento dos fatos que estão acontecendo a sua volta, pois muitas vezes os pais não falam com os mesmos” (Dados do questionário).

Para uma das participantes, funcionária da escola, “às vezes”, pois algumas das temáticas são delicadas e demandam maior formação e preparo por parte da equipe escolar. Outra participante docente sugere que os vídeos sejam trabalhados especificamente com a equipe gestora da escola e não com os/as alunos/as, como

Realização:



Apoio:



DTP Departamento de Teoria e Prática da Educação



expresso em sua resposta “Em reunião pedagógica, para professores e funcionários” (Dados do questionário).

Por fim, tivemos a resposta “não” de uma das funcionárias que não justificou o porquê de não utilizar os vídeos trabalhados com os/as alunos/as na escola. No último encontro, ao ser questionada da utilização das mídias na escola, mencionou que “até pode passar esses vídeos para os professores, mas para as crianças não, porque eu não estou preparada para responder as perguntas sobre isso, que devem ser sanadas pelas famílias”.

Como expresso por Sabat (2001) a mídia é produzida nas relações sociais e também constitui essas mesmas relações. Quando as professoras decidem trabalhar essas mídias, elas abrem espaço para dialogar com o real e o imaginário, o que as crianças vivenciam e seus modos de compreensão dessas mídias. As mídias reverberam uma pedagogia específica que apresenta um repertório de significados que podem constituir representações como hegemônicas ou problematizá-las. É nesse espaço que se encontra o posicionamento do/a docente ou funcionário/a ao mediar esse processo de reprodução ou indagação.

Outro fato que reverbera as necessidade dessas discussões voltadas à formação docente diz respeito as atuais polêmicas acerca do Plano Nacional de Educação e conseqüentemente dos Planos Estaduais e Municipais de educação. Curiosamente nos defrontamos com a retirada dos termos identidade sexual e de gênero substituídos pela caracterização de todos os tipos de preconceitos neste documento. Essa retirada estratégica dos termos é defendida por grupos específicos, que propõem a retomada da discussão de um sujeito universal – ser humano – atrelada às ideias, crenças e valores cristãos da considerada família brasileira. Na concepção desses grupos, “ensinar a ideologia de gênero” nas escolas pode provocar uma perda de identidade das crianças, por isso, devemos “ensinar” meninas a serem dóceis, sensíveis e subservientes e meninos a serem “machões”, agressivos e dominantes (FRANÇA, 2014).

Para Madureira (2010), a sociedade brasileira confere um peso significativo de respeito às hierarquias e valores que são compartilhados pelas famílias, amigos/as e que acaba por reforçar distinções e desigualdades de direitos entre os indivíduos. Dessa maneira, as concepções, crenças e práticas culturais dos vários

Realização:



Apoio:



DTP Departamento de Teoria e Prática da Educação



grupos sociais ainda precisam ser investigadas e reconhecidas mediante pesquisas com o intuito de pensarmos em ações de resistência ao preconceito e à discriminação.

Para Giroux e McLaren (1999, p. 143) as escolas incorporam representações e práticas sociais que podem promover ou inibir ações humanas que compreenderiam a convivência com a diferença e a diversidade. Neste sentido, os autores salientam a importância da linguagem na construção da experiência e subjetividade no espaço escolar. “Intimamente relacionada ao poder, a linguagem não apenas posiciona professores e alunos, mas também funciona como veículo por meio do qual eles definem, mediatizam e compreendem suas relações uns com os outros e com a sociedade mais ampla”.

A produção destas linguagens e representações são também interpeladas por mídias que reproduzem, reelaboram e reorganizam as identidades dos sujeitos. A mídia é uma pedagogia cultural que produz e reverbera modos educativos, afinal, programas televisivos, filmes, desenhos animados, vídeos, documentários, publicidades, dentre outras produções educam e promovem a circulação de representações que se objetivam e se constituem como verdades que são compartilhadas pelos sujeitos sociais ao constituírem suas identidades de gênero, de sexualidade, de etnia, raça e de classe social (GIROUX, 2003).

Para Giroux (2003, p.128) a mídia produz imagens que condicionam desejos e percepções dos sujeitos. Presenciamos um processo constante de regulações dos valores, gostos, sentidos e significados como processos pedagógicos difundidos pela mídia que “estabelece as normas e as convenções que oferecem e legitimam determinadas posições de sujeitos”. Nessa direção compreendemos, assim como autor, que a educação é promovida por práticas culturais. Nesse viés compreendemos a mídia como uma das instâncias sociais que produz identidades e subjetividades em nosso tempo.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Docentes e funcionárias, que representam a escola investigada, apresentam flexibilidade e disponibilidade para dialogar sobre as mídias que tratam de

Realização:



Apoio:



DTP Departamento de Teoria e Prática da Educação



diversidade na escola. Todavia, reiteram que para isso é preciso uma formação continuada, com profissionais que trabalhem estas temáticas. Algumas delas ainda apresentam resistências em abrir um espaço de discussões acerca da sexualidade e gênero com seus alunos e alunas, pois acreditam que não há “problemas” evidentes em sua escola e quando aparece recorrem à família para solucionar.

A escola e a mídia são instâncias sociais que podem abrir espaços para indagar as relações hegemônicas e preconceituosas. Essa ação ganha fôlego quando a gestão escolar se coloca a disposição para dialogar sobre o tema, como fez a escola investigada. Afinal, são em momentos de formação como estes que a equipe escolar se questiona de maneira individual e coletiva para pensar os conflitos cotidianos que emergem na escola e nas próprias relações familiares.

A compreensão de como construímos nossas identidades, nossas crenças e valores pode abrir espaço para questionar como são produzidas as histórias, memórias e narrativas sobre o “eu” e o “outro”. Se educadores e educadoras compreenderem as histórias, as experiências e as linguagens produzidas por distintas instâncias, dentre elas a escola e própria mídia, assim como pelos sujeitos sociais terão maior possibilidade de compreender as diferentes leituras, comportamentos e respostas de seus alunos e alunas (GIROUX e MCLAREN, 1999).

REFERÊNCIAS

CAMARGO, Ana; RIBEIRO, Claudia. **Sexualidade(s) e infância(s)**. Campinas: Ed. da UNICAMP, 1999.

FELIPE, Jane. **Representações de gênero, sexualidade e corpo na mídia**. 2011. Disponível em: <http://www.ufrgs.br/faced/pesquisa/gein/artigos/Representa%C3%A7%C3%B5es%20de%20g%C3%AAnero,%20sexualidade%20e%20corpo%20na%20m%C3%ADdia.pdf> Acesso jun, 2016.

FISCHER, Rosa Maria Bueno. O estatuto pedagógico da mídia: questões de análise. *Educação & Realidade*, v. 22, n. 2, p. 59-80, jul./dez. 1997.

FRANÇA, Fabiane Freire. **A contribuição dos estudos de gênero à formação docente: uma proposta de intervenção**. 2009. 122 f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade Estadual de Maringá. Maringá, PR, 2009.

Realização:

Apoio:





FRANÇA, Fabiane Freire. CALSA, Geiva Carolina. Gênero e formação docente: contribuições de um processo de intervenção pedagógica. **Revista Contrapontos**, UEL, Londrina, v. 10, n. 2, 2010 p. 105-112.

FRANÇA, Fabiane Freire; CALSA, Geiva Carolina. **Gênero e sexualidade nas séries iniciais da educação básica**: uma proposta de reflexão a formação docente. *Revista da Católica*, Uberlândia, v. 3, n. 6, p. 301- 312, 2011.

FRANÇA, Fabiane Freire. **Representações Sociais de gênero na escola: diálogo com educadoras**. 2014. 186 f. Tese (Doutorado em Educação)- Universidade Estadual de Maringá, Maringá, PR, 2014.

FRANÇA, Fabiane Freire. CALSA, Geiva Carolina. A contribuição da dialogicidade de Paulo Freire aos Estudos de Gênero e à Teoria das Representações Sociais: um relato de experiência. . In: MILITÃO, S. C. N.; DI GIORGI, C. A. C.; MILITÃO, A. N.; FRANCISCO, M. V.; LIMA, M. R. C.. (Orgs.). **A atualidade de Paulo Freire frente aos desafios dos século XXI**. Curitiba: CRV, 2015. p. 153-163.

GALINKIN, Ana Lucia. Estudos de Gênero e Psicologia Social. In: GALINKIN, A. L. e SANTOS, K. B. **Simpósio Gênero e Psicologia Social** – UNB, 2010.

GIROUX, Henry A.; McLAREN, Peter. Formação do professor como uma contra-esfera pública: a pedagogia radical como uma forma de política cultural. In: SILVA, T. T. da; MOREIRA, A. F. (Orgs.); tradução de Maria Aparecida Baptista. **Currículo, cultura e sociedade**. São Paul: Cortez, 1999b. p. 125-154.

GIROUX, Henry. **Atos impuros**: a prática política dos estudos culturais. Trad. Ronaldo Cataldo Costa. Porto Alegre: Artmed, 2003.

LOURO, Guacira Lopes. **Gênero, sexualidade e educação**: Uma perspectiva pós-estruturalista. Petrópolis, RJ: Vozes, 1997.

LOURO, Guacira Lopes. **Pedagogias da sexualidade**. In: LOURO, G. L. (Org.). *O corpo educado*. Belo Horizonte: Autêntica, 2007. p. 7-34.

MADUREIRA, Ana Flávia do Amaral. Gênero, sexualidade e processos identitários na sociedade brasileira: tradição e modernidade em conflito. In: GALINKIN, Ana Lúcia; SANTOS, Claudiene. **Gênero e psicologia social**: interfaces. Brasília: TechnoPolitik, 2010. p. 31-63

SABAT, Ruth. “Pedagogia cultural, gênero e sexualidade”. **Revista Estudos Feministas**, ano 9, p. 9-21, 2001. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/ref/v9n1/8601.pdf>>. Acesso em: 02 set. 2015.

Realização:



Apoio:





SCOTT, Joan. Gênero: uma categoria útil de análise histórica. **Educação e Realidade**, Porto Alegre, V. 20, n. 2, p. 71-99, jul./dez. 1995.

WEEKS, Jeffrey. O corpo e a sexualidade. In: LOURO. G. L. (Org.). **O corpo educado**: pedagogias da sexualidade. Belo Horizonte: Autêntica, 2007. p. 7-34.

ABSTRACT

The objective of this research is to investigate the use of the media as a diffuser of the pedagogies of gender and sexuality for the initial and continued formation of teachers of Basic Education. In this research we understand the media as a field of research that produces and operates representations for the formation of social subjects. Researches show that despite the problematizations regarding the themes of gender and sexuality, there are still discriminatory practices, especially in the school space. In this sense, we problematize: how can the media contribute to the formation of teachers? Our participatory and dialogic methodology articulates the production of media devices that address gender and sexuality, such as films, short films, advertisements, drawings, etc. We believe that the use of media in teacher education can contribute to the pluralization of gender and sexuality pedagogies in schools.

Keywords: Basic Education; gender; sexuality; Cultural Pedagogies; Media.

Realização:



Apoio:



DTP Departamento de Teoria e Prática da Educação

